

ATAQUE A STAROBILSK: IMPLICAÇÕES ESTRATÉGICAS E O DESGASTE DA NARRATIVA OCIDENTAL

O ataque a Starobilsk revela a negação ucraniana e o recuo da mídia ocidental, ilustrando como a narrativa geopolítica preserva a ajuda militar; sem diálogo factual, Moscou sinaliza que a operação segue até a desmilitarização ou garantias concretas de segurança civil.

Andrew Korybko*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Na semana passada, três ondas de drones ucranianos atingiram um dormitório em Starobilsk, cidade na região de Lugansk, na Rússia (antiga região da Ucrânia), em um ataque que matou quase duas dezenas de estudantes. O Representante Permanente da Rússia na ONU mencionou o assunto em uma [reunião de emergência](#), mas a Ucrânia negou veementemente que qualquer ataque tivesse ocorrido, [apesar das evidências incontestáveis](#) em contrário. A *BBC* e a *CNN* rejeitaram o convite da Rússia para visitar o local, e os líderes da UE [permanecem em silêncio](#) sobre o ataque.

Se a Ucrânia teria atacado o dormitório deliberadamente, como alega a Rússia, dado seu histórico de ataques terroristas desde o início da [operação especial](#), ou se foi um caso de inteligência falha, como outros especularam, sua resposta oficial na ONU é contraditória e deveria levantar suspeitas em todos. Negar categoricamente que qualquer incidente tenha ocorrido e, em vez disso, descrever as alegações como “*infundadas*”, acrescentando ainda que “*pertencem a uma campanha de desinformação clássica de Moscou*”, é um exagero.

A mídia ocidental, como a *BBC* e a *CNN*, provavelmente pressente que algo está errado, muito provavelmente que a Ucrânia possa ter atingido o dormitório devido a informações de inteligência falhas e agora esteja negando o ocorrido, assim como negou ter [bombardeado acidentalmente a Polônia](#) em novembro de 2022, após a morte de dois poloneses. Por isso, não querem visitar o local. Não querem dar mais atenção ao incidente e esperam que ele caia no esquecimento do público ocidental, mesmo entre aqueles que têm conhecimento dele, ou que seja transformado em uma teoria da conspiração.

Qualquer reportagem *in loco* que dê crédito às alegações da Rússia sobre a cumplicidade ucraniana, seja deliberada ou acidental, pode reduzir ainda mais o apoio à continuidade da ajuda militar. Se uma investigação verdadeiramente neutra for iniciada por pelo menos um dos parceiros ocidentais da Ucrânia, Kiev pode obstruí-la ou destruir provas, o que faria a Ucrânia parecer culpada. Há também a possibilidade de a investigação revelar provas de que as especulações sobre informações de inteligência falhas foram culpa do Ocidente.

Por essas razões, a *BBC* e a *CNN* contentam-se em apenas mencionar passivamente o incidente no contexto da retaliação russa usando Oreshnik no fim de semana, e fazem isso apenas para manter uma aparência de credibilidade jornalística, em vez de não noticiar o ocorrido, [como provavelmente prefeririam](#). É possível também que o patrono estatal formal da *BBC* e o informal da *CNN* tenham discretamente comunicado a seus respectivos editores-chefes que não deveriam visitar Starobilsk, e eles acataram a exigência.

Especulações sobre os motivos à parte, a conclusão é que a Ucrânia jamais assumirá a responsabilidade por ataques contra civis, mesmo que possivelmente acidentais, muito menos por aqueles que realizou propositalmente, como na região de Kursk e em outras partes da Rússia. A mídia ocidental também os acobertará, e nada mudará até o fim da operação especial, momento em que a Rússia espera neutralizar essa ameaça à sua população civil, que há muito previa, mas que não conseguiu evitar preventivamente por meios diplomáticos.

Na prática, isso significa que a operação especial continuará até que seus objetivos militares sejam plenamente alcançados, ou seja, a desmilitarização da Ucrânia, ou que os [compromissos que possam ser acordados](#) garantam que a Ucrânia esteja ciente de que tais ataques [provocariam uma retaliação](#) imediata e desproporcional. O que se sabe com certeza é que a Rússia não aceitará um futuro em que seu povo seja alvo frequente de ataques terroristas ucranianos de qualquer tipo, e fará tudo o que estiver ao seu alcance para pôr um fim definitivo a essa situação.

**Andrew Korybko é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*
